

Educação indígena: a história oral como processo de reafirmação da identidade étnica dos índios Terena

Vanderléia Paes Leite Mussi

Doutoranda em História pela Universidade Estadual Paulista - UNESP/Assis, professora e pesquisadora da UCDB.
e-mail: vmussi@ucdb.br

Resumo

O presente estudo faz parte do desdobramento de uma pesquisa realizada em parceria com os índios Terena do centro urbano de Campo Grande-MS – e também com um grupo de professores indígenas da Universidade Católica Dom Bosco. O objetivo maior foi o de construir, conjuntamente, uma proposta metodológica de investigação etno-histórica, que pudesse reafirmar a identidade cultural dos Terena, além de oferecer subsídios para a qualificação da prática docente em escolas de ensino fundamental, freqüentadas, majoritariamente, por alunos indígenas. Para maior coerência da investigação, que contava com a parceria de pesquisadores pertencentes a uma sociedade ágrafa, a história oral serviu de suporte teórico-metodológico; sob essa orientação, buscou-se compreender de que forma esses índios entendiam o seu pertencimento étnico-cultural, e qual seria a dinâmica de organização político-social ao se deslocarem da Aldeia para a cidade.

Palavras-chave

Professor indígena; metodologia de pesquisa; história oral.

Abstract

The study in hand is part of unfolding research carried out together with the Terena Indians in the urban center of Campo Grande, South Mato Grosso and also with a group of indigenous teachers in the Dom Bosco Catholic University. The main objective was to construct together a methodological proposal of ethno-historical investigation which could reaffirm the cultural identity of the Terena as well as offering ground work for the qualification of the teaching practice in fundamental schooling attended mainly by indigenous pupils. For greater coherence of the investigation, which counted on the help of researchers belonging to a non-writing society, oral history acted as a theoretical-methodological support; following this line of investigation, effort was made to understand in what way the Indians in question saw their ethnic-cultural belonging and what would be the dynamic process of political-social organization when they traveled from the Indian Village to the city.

Key words

Indigenous teacher; research methodology; oral history.

Considerações preliminares

O presente trabalho faz parte do desdobramento de um projeto de pesquisa iniciado no mestrado e financiado pela UCDB; por se encontrar em andamento, os resultados aqui apresentados são, ainda, parciais. A proposta inicial objetivava investigar as continuidades e/ou rupturas das relações existentes entre os índios Terena que moram na aldeia do Cachoeirinha e os índios habitantes em Campo Grande, MS; para a consecução dos objetivos estabelecidos, levou-se em conta a rede de relações de parentesco e/ou da dinâmica vivenciada pela família Terena, nesse processo. Para uma análise mais acurada, buscamos compreender, com auxílio da metodologia da história oral, de que forma os índios entendiam o seu pertencimento e o de seus parentes ao grupo.

Durante a realização da pesquisa, foram discutidas algumas questões que envolviam a problemática da história oral, mais especificamente em dois aspectos fundamentais: um que tratava dos cuidados e definições teórico-metodológicas no uso da história oral, com culturas de tradição oral e, o outro, que visava apresentar, a partir de um estudo de caso empírico, uma proposta metodológica realizada em parceria com os Terena, de modo que pudessem atuar como parte integrante na construção de sua própria história de vida.

No resultado dessa discussão, e como objetivo principal desse trabalho, procurou-se demonstrar de que forma o uso da história oral pode servir como um instrumento metodológico no resgate e/ou

no processo de reafirmação da cultura, da auto-estima, da educação e da socialização dos índios Terena; assim, procurou-se compreender não só as suas bases étnicas, como também as de outros grupos, de modo que a comunidade aprendesse a valorizar o jeito de ser índio e a lidar com as diferenças étnicas.

A via de construção desta proposta só foi possível por meio dos caminhos apontados pelos próprios Terena, propiciando-nos uma visão mais compreensível de sua cultura¹.

Cuidados e definições teórico-metodológicas no contexto da história oral

O propósito de narrar a história de vida das sociedades indígenas, de modo geral, não é uma tarefa simples, por vários fatores. Primeiro, pela própria complexidade implícita à compreensão do idioma e da representação simbólica que permeia toda e qualquer cultura. No caso dos Terena, não seria diferente, havendo muitos termos da "tradição oral" utilizados por eles, que só têm sentido se inseridos em um determinado contexto, tornando-se incompreensíveis fora dele; isso sem dizer também que determinadas expressões nem possuem uma tradução literal para o português. Sendo assim, a reutilização de determinados depoimentos é inviável, pois se corre o risco de desvincular a fala do seu contexto original.

Essa prática não é exclusiva dos Terena. Cada vez mais, outros povos indígenas têm salientado o propósito de que se reconheçam o uso de suas tradições orais,

como verdadeiras histórias de vida, considerando-se as especificidades próprias às sociedades ágrafas. Assim sendo, para tratarmos desta questão, recorreremos, principalmente, a alguns trabalhos² realizados pelos pesquisadores Jan Vansina, Antônio Brand e Julie Cruikshank, que apresentam experiências com povos de outra tradição cultural, contribuindo no sentido de alertar para algumas questões importantes.

A respeito das expressões "tradição oral" e "história oral"³, Cruikshank⁴ chamou a atenção para as ambigüidades que ocorrem, devido ao fato de que as definições podem mudar no uso popular. Segundo a autora, o termo "tradição oral" pode ser utilizado como "um conjunto de bens materiais preservados do passado", ou como um "processo pelo qual a informação é transmitida de uma geração à seguinte". Em termos mais gerais, a tradição oral também pode ser usada como um "sistema coerente e aberto para transmitir conhecimentos"⁵. Já o termo "história oral", é visto como um método de pesquisa que faz "uma gravação sonora de uma entrevista sobre experiências diretas ocorridas durante a vida de uma testemunha ocular"⁶.

Sobre esse aspecto, Cruikshank⁷, apoiando-se em Renato Rosaldo, alertou para o fato de que "os depoimentos orais devem ser ouvidos no contexto específico em que são feitos. Não são documentos a serem estocados para a recuperação posterior". Nesta perspectiva, o autor também afirmou que os depoimentos orais são "formas culturais que organizam a percepção, não 'recipientes de fatos em estado bruto', porque todos os fatos são cultural-

mente mediados".

Ao tratar dessa questão, o pesquisador Antônio Brand⁸, apoiando-se em Meihy, apresentou '*três modalidades de história oral*'. A primeira trata da história oral de vida, a qual possui um caráter mais subjetivo e centra-se "em um personagem determinado", retratando assim a sua trajetória pessoal. A segunda fala da "história oral temática", cuja função principal está voltada para "o esclarecimento e análise de um tema ou evento específico". E para finalizar, ele apresentou a tradição oral⁹ como tendo um caráter mais coletivo e que se remete para a "permanência dos mitos" festas, rituais, visão de mundo, com seus valores e estruturas mentais.

Vansina¹⁰, ao fazer um estudo sobre a tradição oral com povos ágrafos, da África Central, chamou a atenção para o fato de que os povos sem escrita têm conservado melhor o caráter específico da tradição oral, desenvolvendo-a no centro de si mesmos; ao passo que, nas tradições faladas das sociedades que conhecem a escrita, a tendência de conservação é muito menor. Entretanto, se por um lado, o da conservação ocorre uma integração, por outro, isso não acontece, porque as fontes orais¹¹ não possuem o mesmo estatuto de legitimidade documental apresentado pelos documentos escritos nas sociedades em que a escrita já tenha adquirido direito próprio.

Nas sociedades ocidentais, as fontes orais têm sido usualmente utilizadas em duas finalidades limitadas: ou para estudos sobre acontecimentos políticos recentes, que não é possível analisar por meio de documentos escritos, ou para registro de biografias

(sendo mais comum entre os norte-americanos e britânicos)¹². Já com as populações indígenas, as fontes orais possuem não só um caráter político, mas também social, pois está diretamente voltada para o cotidiano da comunidade e para a sua auto-afirmação étnica.

Nesse sentido, a fim de fazer uma leitura distorcida ou equivocada da cultura optamos por envolver os Terena como partícipes do processo, seguindo alguns cuidados indicados por Vansina¹³: o primeiro, foi o de fazer um estudo da língua e da cultura dos Terena, sobre cujo passado se deseja falar. Como nós não dominamos o idioma, há sempre um membro do grupo que fala bem o português para nos auxiliar nas entrevistas. Em alguns casos, passamos um roteiro de perguntas para que ele possa fazer a entrevista. Isso só ocorre com aquelas pessoas mais velhas que não falam o português, cujas respostas são fornecidas a membros da própria família, melhor do que a pessoas estranhas.

O segundo cuidado indicado por Vansina¹⁴ é o estudo geral do fenômeno da tradição do seu meio. Este estudo não é feito só com base nos depoimentos dos Terena, está em curso, para maior compreensão do tema, o levantamento da etnografia produzida sobre os Terena, concomitantemente com a pesquisa e leitura de todo aporte teórico, que serve como base de sustentação na temática desenvolvida neste trabalho. Aqui, o estudo etnográfico não se constitui no sentido de fazer comparações, mas de aprofundar e/ou esclarecer aspectos referente à cultura.

De acordo com Vansina, depois que

fizer essas sondagens sobre os diferentes tipos de tradição, suas características, e especialmente seu modo de transmissão, é possível começar a traçar um plano de trabalho metódico. No que se refere à anotação dos testemunhos, é necessário encontrar um meio de fazê-lo de forma mais favorável possível, ou seja, anotar o texto na própria língua de transmissão da forma mais precisa possível, de preferência, anotando por escrito como se grava; enfim, recorrer a toda documentação auxiliar, que é essencial para aplicar o método histórico ao testemunho recolhido¹⁵.

Tornar escrito o que é oral talvez se constitua em um dos maiores desafios a serem superados, dada a dificuldade de articulação, em uma estrutura ocidental, conceitos enraizados em princípios indígenas. Entre os Terena, por exemplo, esse processo se torna mais complexo devido à dificuldade de identificar os eventos dentro de seu próprio contexto cultural. O evento, de acordo com Sahlins¹⁶, é entendido não apenas como um acontecimento no mundo, mas, sim, como "a realização entre um acontecimento e um sistema simbólico".

Para ele, apesar de os eventos possuírem propriedades objetivas próprias e razões que "procedem de outros mundos (sistemas), não são essas propriedades, enquanto tais, que lhe dão efeito", mas o significado que é projetado a partir de um esquema cultural. Assim, ele também afirma que o "evento é a interpretação do acontecimento, e interpretações variam".

Nesse sentido, por serem considerados grupos culturalmente dinâmicos e com esquemas de significações "colocados em

risco na ação¹⁷”, torna-se difícil precisar se “todos os grupos Terena utilizarão uma única forma para absorção dos diversos valores culturais externos”.¹⁸ Entretanto, apesar de haver uma diversidade de esquemas de significações dentro da cultura, há também uma unidade básica, pois do contrário não seriam todos Terena¹⁹.

Sahlins também mostrou que os esquemas são ordenados historicamente, porque os seus significados são reavaliados quando realizados na prática, de modo que isso só é possível através da ação prática das pessoas e das compreensões pré-existent de sua ordem cultural. Assim sendo, a participação dos Terena na construção de uma via metodológica torna-se imprescindível, por serem capazes de nos propiciar um entendimento viável do significado de seus próprios esquemas culturais.

Passos de uma pesquisa: caminhos apontados pelos Terena para a construção de uma proposta metodológica

Quando pensamos em realizar um trabalho com os Terena, a primeira preocupação que veio à mente foi a de nos instrumentalizarmos teórico-metodologicamente, estabelecendo os critérios e definindo as técnicas que melhor se adaptassem à sua cultura. Fizemos, portanto, um prévio estudo referente aos métodos aplicados às culturas distintas, como, por exemplo, os relacionados à tradição oral²⁰, principalmente. No esforço de adaptação metodológica, a preocupação maior era a de se criar uma relação de trabalho com o grupo que não

provocasse resistência, apresentando resultados mais confiáveis.

No decorrer do trabalho, porém, percebemos que esse estudo nos havia fornecido alguns subsídios para a construção de uma nova forma de abordagem, que resultou em um método específico. Isto veio reforçar a idéia de que, quando se trata de culturas distintas, não há modelos prontos, fixos e acabados, mas processos em constante movimento. Deste modo, fomos construindo o nosso próprio método, e o primeiro passo para sua elaboração só foi possível graças à convivência contínua com grupos Terena, na aldeia e na cidade de Campo Grande, MS.

Os primeiros contatos realizados com os integrantes da Associação de Moradores Indígena (AMI), em Campo Grande e, depois, com a extensão para a Aldeia do Cachoeirinha e do Bananal, por meio de visitas e entrevistas, foram imprescindíveis para a realização da pesquisa, pois, sem uma prévia aproximação, tornava-se quase impossível o início dos trabalhos. Pode-se dizer, portanto, que o principal fio condutor, o pré-requisito básico para a realização do trabalho, foi a confiança. Então, por questões de ordem prática – e ética –, tivemos de estreitar os laços de convivência, convidando-os a atuar de forma conjunta e solidária. Deste modo, iniciamos o trabalho discutindo com os membros integrantes da AMI²¹ todos os passos da pesquisa; depois da realização dessa primeira fase, estendemos a proposta a um grupo de professores indígenas Terena da Aldeia do Bananal. Inteirados do trabalho, eles puderam não só se organizar melhor, no sentido

de estar à nossa disposição quando nós precisávamos nos deslocar, sendo em direção à aldeia ou para os diversos bairros de Campo Grande, MS, mas também no de contribuir, de forma direta, na realização da pesquisa, caso específico dos acadêmicos e professores Terena. De certa forma, tentamos compartilhar com eles a responsabilidade do resultado dos trabalhos.

Na primeira fase, com os integrantes da AMI, delimitamos o tema²², orientados por um estudo histórico da rede de relações de parentesco²³ ou da dinâmica vivenciada pelas famílias Terena; selecionamos as famílias, cuja rede de parentesco seria objeto de estudo. As famílias escolhidas para o mapeamento foram Muchacho e Polidório, e o critério para a seleção foi a disponibilidade de seus membros de contribuir com o trabalho, além do importante fato de as duas possuírem parentes na aldeia do Cachoeirinha e no Centro Urbano, em Campo Grande, MS.

Depois, foram elaborados os instrumentos para as entrevistas e, por último, passou-se às entrevistas, em parte anotadas, em parte gravadas. Procuramos seguir um roteiro básico de perguntas, direcionado pelos objetivos estabelecidos no projeto de pesquisa, sem, necessariamente, seguir um esquema prévio. Em seguida, partimos para a transcrição das fitas e, depois, à tabulação e análise dos dados.

Para a realização do mapeamento na Aldeia do Cachoeirinha, foi necessária a autorização da Administração Regional da FUNAI e do Cacique Geral e também do conselho de lideranças, no posto indígena da área do Cachoeirinha. Na reunião,

apresentamos o nosso objetivo²⁴ e seguimos com o trabalho na aldeia.

No Cachoeirinha, fizemos um levantamento das famílias residentes na aldeia, tanto por parte dos Muchacho, como dos Polidório. Depois do levantamento feito, visitamos os membros de cada uma dessas famílias, entrevistando-os. No trabalho de campo, iniciávamos o trabalho não só explicando a importância de sua contribuição no fornecimento do seu depoimento, mas também pedindo autorização para gravá-los. Certos de estarem envolvidos, partíamos para o levantamento das questões. É importante ressaltar que não omitimos nenhuma informação à comunidade; todo encaminhamento do trabalho foi devidamente discutido e esclarecido.

Essas conversas informais foram de suma importância para o desenvolvimento das ações, visto que, no momento da entrevista, eles acabaram retomando certos assuntos falados anteriormente, enriquecendo ainda mais os depoimentos.

No momento da entrevista, percebemos que havia, por parte dos depoentes, dificuldade em falar o português. Então, pedimos que falassem em seu idioma. As transcrições das fitas foram feitas por nós, quando os depoimentos apresentados foram realizados em português, e por Maria Muchacho²⁵, quando as entrevistas foram realizadas no idioma Terena.

Ao iniciar a tarefa de transcrição, Maria percebeu que não era tão simples assim, pois ficava extremamente nervosa ao gravar sua voz. Não se sentindo à vontade em desenvolver o trabalho da forma sugerida, ela criou uma técnica própria, que

lhe facilitou a realização da tarefa: primeiro ouviu todos os depoimentos e depois, começou a escrever, originando a primeira versão do texto. Vendo que poderiam faltar informações, ela tornou a ouvir os depoimentos, completando o que faltava; a seguir passava a limpo todo o texto, reorganizando-o.

É importante observar que Maria, no processo da primeira versão, reteve algumas informações, alegando serem repetitivas e, também, muitas vezes, por não estarem relacionadas com o assunto tratado. Deste modo, por achar desnecessário escrever dados que não eram relacionados ao assunto, ela os omitiu no texto, fazendo-nos tais observações oralmente. Assim, o que constatamos é que houve, por parte da Maria, uma lógica metodológica própria, que foi readaptada de acordo com as suas necessidades. Ela seguiu um roteiro básico fornecido por nós e serviu como uma espécie de intermediária do trabalho.

Conviria sublinhar, ainda, que os Terena, por serem muito visados por pesquisadores, instituições governamentais, não-governamentais e outros, acabaram criando mecanismos próprios de defesa: quando não se omitiam, negando-se a responder, eram evasivos para se livrarem o mais rápido possível da pessoa que os interrogava²⁶. No entanto, assim que o pesquisador se retirava, comentavam a situação entre si, achando engraçados os contrastes. Por isso, algumas vezes, deixamos em aberto certas questões para serem fechadas após outras entrevistas, que eram feitas geralmente sem o uso do gravador.

Já no centro urbano, a sistemática de

organização do trabalho seguiu basicamente da forma utilizada na aldeia, diferindo apenas em alguns aspectos, como, por exemplo, a distância entre um bairro a outro. Nas residências, o processo de abordagem e aplicação das questões foi basicamente igual ao adotado na aldeia, uma vez que somente algumas perguntas foram alteradas.

Na segunda fase e, portanto, no estágio atual da pesquisa, está sendo desenvolvida pelos acadêmicos Terena dos cursos de férias - Pedagogia e Formação Docente - da Universidade Católica Dom Bosco. Os professores Terena vieram das áreas indígenas do Bananal e Limão Verde, bem como de diversas aldeias indígenas do estado do MS. Por exemplo, Nilza Leite: aldeia Bananal; Joãozinho da Silva aldeia Ipegue; Matilde Miguel: Lagoinha; Raquel Ferreira de Oliveira: aldeia Bananal (todos da área indígena do Bananal); e Regina Miguel: aldeia Córrego Seco (área indígena do Limão Verde).

Foi fornecido a esses acadêmicos um roteiro de perguntas, sem que tivessem necessariamente que seguir uma ordem pré-estabelecida, ficando livres para que pudessem ampliar o rol apresentado inicialmente, reescrevendo as perguntas. Em dezembro de 2000, durante os encontros iniciais, para sistematização da proposta, apresentamos-lhes algumas leituras e orientações sobre a Metodologia de história oral. Isso, sem dúvida, contribuiu muito para o desenvolvimento do trabalho para ampliar o conhecimento do grupo referente à metodologia científica. O objetivo do estudo era o de proporcionar, primeiro, um melhor entendimento e, posteriormente, um

aprofundamento da compreensão dos procedimentos metodológicos a serem conduzidos na pesquisa.

Cada Terena pesquisador recebeu um gravador, algumas fitas e o roteiro de perguntas (cerca de vinte) por escrito, comprometendo-se a comparecer individualmente a um encontro mensal para entrega do material e reavaliação do trabalho; seria uma forma de acompanhar mais de perto o andamento da pesquisa e os seus desdobramentos.

Quanto às traduções – passagem do idioma para o português –, eram feitas em grupo, ficando as transcrições das entrevistas datilografadas, por Raquel²⁷. Os demais tinham a incumbência de traduzir e registrar os depoimentos.

Os primeiros retornos foram praticamente para responder às dúvidas que surgiram no decorrer do trabalho; o que consideramos a fase prévia da pesquisa ou preparatória. Nessa ocasião, os professores puderam ter praticamente a sua primeira experiência com o trabalho empírico, em que deixariam a condição de objeto de pesquisa (depoentes), passando a exercer uma dupla função: a de pesquisador (entrevistadores) e sujeito da própria história; isso, é claro, sem interferir nos depoimentos dos patrícios. A essa altura dos trabalhos, nosso objetivo maior era que eles pudessem ter outra visão de sua própria cultura; olhar para dentro dela com olhar de pesquisador e de partícipe, isto é, sem pré-conceitos e sem inferências de valores, conduta de pesquisa já discutida no período de estudo. Em suma, Matilde argumentou exemplificando: "estou me sentindo como se

colocassem um espelho à minha frente; hoje além de eu ver muitas coisas que eu não via, eu me sinto capaz, igual às outras pessoas". Essa técnica, além de lhes propiciar outro tipo de contato com os patrícios, fazendo-os enxergar os problemas e riquezas do seu povo, também possibilitou-lhes um aprendizado teórico-metodológico com a pesquisa.

Já os encontros seqüenciais tiveram outra envergadura, ou seja, começaram a surgir os primeiros resultados positivos da proposta, juntamente com os seus desdobramentos. Em vista disso, subdividimos o projeto em duas etapas: na primeira serão investigados os desdobramentos interdisciplinares eventualmente provocados pela intervenção da história oral. Por exemplo, como ocorre a inter-relação entre a história oral e a língua portuguesa na produção de texto? Como o professor pode estreitar relações, por meio da história oral, aproximando a língua portuguesa à historicidade dos Terena? E mais ainda, se quer investigar interdisciplinarmente, de que maneira a história oral pode provocar a criação de temas transversais que permeiem todo o currículo, envolvendo desde a ética até as questões de saúde, integrando as disciplinas com temas geradores de reflexão.

Já no segundo momento, e complementando mais ainda a proposta, pretendemos acompanhar um grupo de alunos da 5ª série do Ensino Fundamental, na escola da aldeia, com o propósito de entrevistar essas crianças de maneira que eles possam indicar quais seriam os professores mais interessantes, isto é, aqueles professores bem sucedidos na prática docente.

Além disso, objetivamos com isso avaliar quais são os aspectos positivos da prática dos professores indicados pelos alunos; dito de outra forma, a pretensão nessa fase da pesquisa é a de apreender quais são os aspectos estruturantes da prática didático-pedagógica desses profissionais diferenciados. Mais ainda se ambiciona, com essa investigação; o propósito final, e coerente com o tema ora apresentado, é tentar perceber se tais professores se utilizam da metodologia da história oral e, em que medida essa opção metodológica interfere no seu bom rendimento docente. Em suma, é possível, a partir de uma sociedade ágrafa, cuja base educacional prima pela informalidade e oralidade, transformar a metodologia da história oral em um procedimento didático-pedagógico de apoio à educação formal?

Desdobramentos iniciais da pesquisa na escola da Aldeia do Bananal

Podemos classificar os desdobramentos dos aspectos positivos apontados na nossa análise em duas vertentes: uma referente aos professores e a outra que se estende aos alunos. Em relação aos professores Terena, essa proposta possibilitou um contato sistemático com os patrícios da aldeia, bem como a resolução coletiva dos problemas existentes na aldeia, fazendo com que eles pudessem reavaliar a estrutura de organização social da comunidade. Além disso, ocorreu também o fortalecimento da auto-estima do grupo, resultante de sua intervenção como agentes da pró-

pria história, atuando ora como depoentes ora como pesquisadores. Em vista disso, os ganhos desse trabalho para a educação são relevantes, uma vez que apontam para o aproveitamento de uma atividade metodológica – história oral – na prática docente.

Ao desenvolver esse trabalho, a professora Matilde Miguel, uma das acadêmicas pesquisadoras, levou os seus alunos da 3ª série do ensino fundamental da Escola Municipal Indígena Marcolino Lili, para acompanhá-la em uma das entrevistas. No início ela teve receio de que a experiência não fosse bem aceita pelos 20 alunos dessa classe. O conteúdo tratava da organização política social brasileira, em uma aula de história, situando a aldeia no contexto nacional. Ao iniciar a entrevista, os alunos não só ficaram atentos aos relatos como também participaram da entrevista, fazendo algumas perguntas para o depoente, um ancião da aldeia.

Depois da entrevista, a professora solicitou, como dever de casa, que os alunos entrevistassem os seus familiares. Ela acrescentou algumas perguntas às já elaboradas, em ocasião do nosso trabalho, e passou para os seus alunos, pedindo, na seqüência, um relatório dessa atividade. O resultado, segundo ela, foi bastante proveitoso, porque despertou nos alunos um interesse maior pelas questões referentes à comunidade e à própria história do povo Terena.

O interesse da professora se projeta agora para esse ano letivo, em que os alunos estão cursando a 4ª série do Ensino Fundamental, cujo acompanhamento está sendo realizado por nós, no desencadeamento da pesquisa.

Considerações finais

No processo em vias de construção, é importante ressaltar que os discursos elaborados pelos membros da aldeia são pensados a partir de uma ordem simbólica da cultura Terena, cujos significados, como já foi observado, só podem ser entendidos dentro de um contexto próprio. Nesse sentido, entendemos que a única forma viável para se compreender esta lógica é a convivência com o grupo, visto que muitas respostas são fornecidas nas entrelinhas.

No entanto, estamos cientes de que a interpretação desta ordem simbólica não se esgota em um trabalho empírico e nem acreditamos que isto seja possível. Apenas queremos chamar a atenção para o fato de que há uma lógica de pensamento cultural distinta, que deve ser respeitada como tal. E que ninguém melhor que os próprios Terena para "traduzirem" essa ordem.

Do mesmo modo, notamos, ainda, seguindo as idéias do historiador Antônio Brand, que a relação locutor e interlocutor, "ambos situados em uma realidade sócio-econômica de uma época, de um grupo e de uma cultura específica", é necessária para a construção da história oral (BRAND, 1999, p. 4)²⁸. Assim sendo, pensamos ser imprescindível a relação de confiança entre o pesquisador e o seu interlocutor, pois, sem esta proximidade, não acreditamos ser possível decodificar os significados existentes dentro da ordem cultural do grupo.

Assim, diante de todo o processo relatado, acreditamos ser possível um trabalho em parceria com os Terena, uma vez que se mostraram inteiramente capazes

de nos auxiliar. A iniciativa tomada por eles em colher depoimentos das pessoas mais velhas da aldeia, a fim de preservar a memória de seu povo, denota uma nítida consciência de sua própria historicidade. Assim como o Lucídio Marques, um índio Terena do centro urbano, passou por entrevistador colhendo o depoimento de seu tio Olímpio Marques, os professores Terena também se utilizaram da mesma técnica, sem saber que já havia sido realizada. Era mais fácil fornecer depoimentos para os membros da própria comunidade que tinham o domínio da língua Terena, do que para qualquer um de nós, pelas dificuldades interétnicas, já comentadas acima.

Neste sentido, propomos, na busca da construção de uma metodologia, a realização de um trabalho em conjunto com os Terena, de modo que pudessem ser, ao mesmo tempo, locutores e interlocutores ou, caso preferissem, entrevistadores e depoentes do processo de construção da sua própria história de vida. E, nesse caso, a escola, como instituição social responsável pela educação sistemática, é poderosa auxiliar na afirmação étnica e cultural desses povos.

Notas:

¹ Entendemos a cultura não como um fator estático, mas dinâmico, sendo, portanto, passível de reelaboração. Neste sentido, concordamos com as idéias de Clifford Geertz (1978, p. 15) e de Marshal Sahlins (1990, p. 7-9), que entendem a cultura como um processo de construção, cujo principal condutor é o homem. Enquanto Geertz vê o homem como um animal amarrado a teias de significados que ele mesmo teceu, preocupando-se com a interpretação desses significados, Sahlins volta-se para os esquemas de significações "colocados em

risco nas ações". Conceito este que pode ser também aplicado aos índios Terena.

² As obras escolhidas para esta breve discussão foram: *La tradición oral* de Jan VANSINA. *Cuidados metodológicos na leitura e interpretação de falas indígenas no contexto de pesquisas com história oral*, de Antônio Brand e *Tradição oral e história oral: revendo algumas questões* de Julie Cruikshank.

³ Para maior aprofundamento, há várias definições a respeito de "história oral" e "tradição oral" em: VANSINA, Jan *La Tradición Oral*. Editorial: Labor, 1966.

⁴ Julie CRUIKSHANK. Op. cit., p. 151.

⁵ *Ibid.*, p. 155.

⁶ *Ibid.*, p. 151.

⁷ Julie Cruikshank *Tradição oral e história oral: revendo algumas questões*. In: FERREIRA, Moraes (org.). *Usos e abusos da História Oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996, p. 157.

⁸ Antônio Brand. *História oral: perspectivas, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais*. In: *História*, Programa de Pós-Graduação em História - UNISINOS, São Leopoldo, v. 4, n. 2, p. 195-228, 2000.

⁹ Vansina entendeu o termo "tradição oral" como sendo um conjunto de "todos los testimonios orales, narrados, concernientes al pasado" (1966, p. 33).

¹⁰ VANSINA, Jan. *La tradición oral*. Labor, 1996. p. 113-114.

¹¹ Vansina chamou a atenção para o fato de que nem todas as fontes orais são tradições orais. Somente as fontes narradas, as que são transmitidas de geração em geração por meio da linguagem. A tradição oral só pode ser transmitida por testemunhas auriculares, ou seja, aqueles que comunicam um fato que não foi ainda verificado nem registrado pela mesma testemunha, mas que tenha aprendido de ouvido. VANSINA, op. cit., p. 34.

¹² THOMPSON, Paul. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1998. p. 117.

¹³ VANSINA, op. cit., p. 212.

¹⁴ *Ibid.*, p. 212.

¹⁵ *Ibid.*, p. 212.

¹⁶ SAHLINS, Marshall. *Ilhas de História*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990. p. 191.

¹⁷ *Ibid.*, p. 7-9.

¹⁸ MUSSI, Vandertéia Paes Leite. *A dinâmica de*

organização social dos Terena, da aldeia ao espaço urbano de Campo Grande-MS. 2000. Dissertação (Mestrado em História) - Universidade do Vale do Rio do Sinos-UNISINOS, São Leopoldo, 2000, p. 17.

¹⁹ *Ibid.*, p. 17.

²⁰ VANSINA, Jan. *La Tradición Oral*. Editorial: Labor, 1966.

²¹ A sigla AMI representa a Associação de Moradores Indígenas de Campo Grande, que foi fundada em 1984, por um grupo de índios Terena, cujo presidente, no período de fundação, era o senhor Agostinho Muchacho.

²² Isto é, investigar se há continuidade e/ou ruptura na Organização Social dos Terena, nas relações existentes entre os índios que moram na aldeia do Cachoeirinha e os índios ocupantes do centro urbano, em Campo Grande, MS, e se os deslocamentos afetam sua identidade étnica ou não.

²³ De acordo com Françoise Héritier, enciclopédia Einaudi, v. 20, p. 27, entende-se como parentesco o estudo das relações que unem os homens entre si, mediante laços baseados na consanguinidade, enquanto relação social reconhecida, e na afinidade (a aliança matrimonial). Tais relações encontram uma tradução nos "sistemas de designação mútua" (as terminologias de parentesco); nas "regras de filiação", que determinam a qualidade dos indivíduos como membros de um grupo e os seus direitos e deveres no interior do grupo; "nas regras de aliança", que orientam positiva ou negativamente a escolha do cônjuge; nas "regras de transmissão" dos elementos, que constituem a identidade de cada um e, finalmente, nos "tipos de agrupamentos sociais", nos quais os indivíduos estão filiados. Já o termo "filiação" segue a conceituação de Marc Augé (1975, p. 22), quando este afirma que é uma convenção social, cujo princípio reside na transmissão do parentesco social, ou seja, o reconhecimento pela sociedade, que atribui a cada um o estatuto, assim como uma posição precisa no seio do grupo social.

²⁴ O presente trabalho visa acompanhar a dinâmica de organização social dos Terena, bem como o deslocamento da Aldeia ao espaço urbano.

²⁵ Maria Muchacho, atualmente 1ª secretária da AMI, foi uma figura imprescindível para a realização deste trabalho, visto que além de possuir um espírito

de liderança era sempre o principal ponto de apoio nos momentos mais difíceis. Era ela quem intermediava todas as perguntas e tirava todas as dúvidas no idioma.

²⁶ É importante observar que esse comportamento não ocorreu nas nossas entrevistas, a não ser alguns pequenos desvios de assuntos, que nos foi oralmente relatados pela Maria. Isso não chegou implicar no resultado do nosso trabalho, pois percebemos, por

meio das falas, que o depoente estava apenas tentando fugir do assunto e, por conseguinte, da resposta. O porquê desse ato não foi possível abstrair.

²⁷ Raquel Ferreira de Oliveira, a única purutuye (branca) do grupo, é casada com Joãozinho da Silva, chefe de posto da Aldeia Bananal.

²⁸ Este trabalho não foi ainda publicado, mas apresentado na XX Simpósio Nacional de História, ocorrido em Florianópolis, em 29 de julho de 1999.

Referências bibliográficas

BRAND, Antônio J. *Cuidados metodológicos na leitura e interpretação de falas indígenas no contexto de pesquisas com história oral*. SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 20, Florianópolis, 29 de julho de 1999.

_____. História oral: perspectiva, questionamentos e sua aplicabilidade em culturas orais. In: *História*, Programa de Pós-Graduação em História - UNISINOS, São Leopoldo, v. 4, n. 2, p. 195-228, 2000.

CRUIKSHANK, Julie. Tradição oral e história oral: revendo algumas questões. In: FERREIRA, Moraes (Org.). *Usos e abusos da história oral*. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996. p.157.

GEERTZ, Clifford. *Interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1978.

HÉRITIER, Françoise. Parentesco. In: *Enciclopédia Enaudi*. Edição: Portuguesa. 1989. v. 20.

SAHLINS, Marshal. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.

VANSINA, Jan *La tradicion orale*. Editorial: Labor, 1996.

PAES, L. M. Vanderlêia. *A dinâmica de organização social dos terena, da aldeia ao espaço urbano de Campo Grande-MS*. 2000. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos/UNISINOS, São Leopoldo, 2000.